

APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA: O QUE REVELAM OS REGISTROS DO PIBIDIÁRIO?

Bárbara Negrini Lourençon ¹

Vitor Gustavo de Amorim ²

Josilda Maria Belther ³

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento acerca das percepções e primeiras considerações no movimento de imersão dos licenciandos nas escolas parceiras do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) sob a vigência do Edital Capes 10/2024. Tem como objetivo conhecer quais questões têm marcado o percurso dos licenciandos nas atividades desenvolvidas na escola parceira ao longo dos primeiros meses de vigência do programa e como elas têm atravessado sua experiência de formação. Tais questões são anunciadas por meio de registro escrito em um dos instrumentos de trabalho elaborados pelos coordenadores de área do programa, o PibiDiário. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, delineada por estudo bibliográfico e documental, de cunho exploratório, uma vez que proporciona maior familiaridade com o problema, tornando possível aprimorar ideias e descobrir intuições (Gil, 2010). O trabalho fundamenta-se nas pesquisas de Campelo e Cruz (2019), ao apontarem o PIBID enquanto espaço para formação de professores com potencial para a “desprivatização da prática”, especialmente por promover o aprendizado da docência em espaço coletivo. Neste estudo, os registros escritos no PibiDiário se somam à apreciação dos episódios compartilhados pelos demais participantes, processo desenvolvido intencionalmente em Encontros de Orientação do programa, no qual dialogam licenciandos, professores supervisores e professores coordenadores. Os resultados parciais revelaram temas latentes no espaço escolar, dentre os quais destacamos os desafios da inclusão e a demanda pela formação de professores nesta área e o uso de dispositivos móveis em sala de aula para fins pedagógicos. Tais temas emergiram dos registros escritos por pibidianos e foram problematizados nos Encontros de Orientação sob análise de professores com diferentes níveis de experiência, num movimento de comunidade de aprendizagem. Revelam-se assim indícios de que o trabalho desenvolvido neste espaço tem propiciado a aprendizagem da docência na perspectiva da “desprivatização da prática”.

Palavras-chave: PIBID, Formação de professores, Desprivatização da prática.

¹ Doutora em Educação pela UFSCar, Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Araraquara, barbara.negrini@ifsp.edu.br.

² Doutor em Estatística pela USP-UFSCar - SP, Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Araraquara, vitoramorim@ifsp.edu.br.

³ Doutora em Educação Escolar pela Unesp - SP, Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Araraquara, josilda@ifsp.edu.br.





INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa em desenvolvimento acerca das percepções e primeiras considerações no movimento de imersão dos licenciandos nas escolas parceiras do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) sob a vigência do Edital Capes 10/2024. Tem como objetivo conhecer quais questões têm marcado o percurso dos licenciandos nas atividades desenvolvidas na escola parceira ao longo do primeiro semestre de 2025 e como elas têm atravessado sua experiência de formação. No contexto deste programa, no Núcleo de Iniciação à Docência (NID) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campus Araraquara, investigamos a aprendizagem da docência de modo a conhecer o conteúdo registrado pelos Bolsistas de Iniciação à Docência (BIDs) no denominado PibiDiário e seus desdobramentos ao serem submetidos ao coletivo de participantes do Pibid. Cumpre esclarecer que o PibiDiário é um instrumento de registro elaborado pela coordenação de área do NID do IFSP Campus Araraquara, que compõe o Subprojeto Matemática no Projeto Institucional do Pibid IFSP no Edital Capes 10/2024.

O PibiDiário tem como intuito estimular a escrita frequente e sistemática dos licenciandos em matemática, também chamados aqui de futuros professores, para que registrem os diferentes momentos e categorias de atividades desenvolvidas no âmbito do Pibid, de modo a garantir uma reflexão sobre a experiência vivenciada. O instrumento prevê registros de duas categorias: registros do tipo 1, compreendendo o conteúdo dos Encontros de Orientação e Atividades de Estudo; e registros do tipo 2, referentes às Atividades na Escola Parceira.

Neste trabalho, o PibiDiário, apesar de ser um documento de registro individual do licenciando, figura como elemento central para suscitar momentos de aprendizado coletivo da docência. Esta afirmação sustenta-se no fato de que é a partir dos registros verbalizados nos encontros de orientação que são promovidos diálogos em torno do relato compartilhado, do qual participam professores com diferentes níveis de experiência – professoras supervisoras, professores coordenadores de área e, evidentemente, os licenciandos, bolsistas de iniciação à docência. Esse momento ocorre de forma intencional, e é previsto em todos os encontros de orientação do programa. Tais características nos levam a acreditar que o trabalho em desenvolvimento neste NID revela indícios de aprendizagem da docência por meio da “desprivatização da prática”.





A “desprivatização da prática”, aqui destacada entre aspas, refere-se aos estudos de Campelo e Cruz (2019), que, ao se debruçarem sobre as investigações empreendidas por Cochran-Smith (2012) acerca da aprendizagem e desenvolvimento do professor em comunidades investigativas, apontam o Pibid como uma política pública em potencial para a *deprivatization of practice*. Vale ressaltar que as pesquisadoras mantêm em seus textos o termo na língua inglesa, afirmando que uma tradução poderia não corresponder ao sentido expresso pelo termo original. No entanto, neste trabalho, usaremos o termo desprivatização da prática, com o sentido semelhante ao descrito pelas mesmas na pesquisa em que investigam o PIBID no estado do Rio de Janeiro a fim de descobrir se havia similaridades entre o trabalho desenvolvido nos núcleos de iniciação à docência de licenciaturas em pedagogia das universidades públicas e a ideia de *deprivatization of practice* defendida por Cochran-Smith (2012).

A proposta aqui apresentada se configura em estudo qualitativo, delineado por pesquisa bibliográfica e documental, de cunho exploratório, uma vez que proporciona maior familiaridade com o problema, tornando possível aprimorar ideias e descobrir intuições (Gil, 2010). O percurso teórico-metodológico envolve a investigação dos Pibidiários bem como seus desdobramentos em encontros de orientação e a busca pela compreensão do movimento de desprivatização da prática no âmbito do Pibid (Campelo e Cruz, 2019). Entendendo que a desprivatização da prática é favorecida por comunidades de professores que compartilham e investigam suas práticas, acreditamos que seja pertinente ainda unir a este diálogo a relevância do Pibid também para o movimento de constituição da identidade docente, uma vez que é entendido como processo contínuo, abarcando licenciandos em formação inicial. Nesse sentido, trazemos para o escopo de análise as pesquisas desenvolvidas por Cyrino (2021) e Cyrino e Rodrigues (2024) acerca do movimento de construção da identidade docente.

Os resultados parciais sugerem indícios de que o NID investigado tem desenvolvido a aprendizagem da docência contemplando a desprivatização prática, pois, com intencionalidade, promove espaço coletivo e compartilhado de escuta e diálogo acerca das experiências formativas, contando com vozes de professores em diferentes graus de experiência profissional. Esse espaço envolve ainda um elemento central para a caracterização da “desprivatização da prática” explicitado por Campelo e Cruz (2019, p. 174) – “as ações de documentação do que se faz – com quem faz também – de maneira intencional, planejada e organizada (não é por acaso, não é ocasional) para melhorar e desenvolver o que faz”.





A APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA NO PIBID

O Pibid é reconhecido como um programa de iniciação à docência que compõe a Política Nacional de Formação de Professores no Brasil. Trata-se de um programa regulamentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que visa aprimorar a formação de professores. Por meio da cooperação entre Instituição de Ensino Superior (IES) e Escola Básica (EB), procura legitimar a formação de professores na interlocução entre esses dois espaços formativos, que não devem ser entendidos de maneira hierarquizada. Assim, a formação de futuros professores ocorre tanto na IES quanto na EB, contando com o aprendizado propiciado pelo trabalho coletivo entre coordenadores de áreas (professores da IES), professores supervisores (professores da EB) e licenciandos de diferentes áreas de conhecimento. Um dos principais objetivos desta interlocução é propiciar uma formação que acolha e compreenda o movimento dialético entre teoria e prática.

Instituído pela Portaria Normativa n.º 38, de 12 de dezembro de 2007, o Pibid é um programa de abrangência nacional com diversos objetivos, dentre os quais destacam-se: I. incentivo à formação de professores para a educação básica; II. valorização do magistério; III. promoção da melhoria da qualidade da educação básica; IV. articulação integrada da educação superior com a educação básica do sistema público; e, V. elevação da qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas (BRASIL, 2007, p.01).

Com quase duas décadas de existência, o Pibid tem se consolidado no país como um importante programa de formação docente e, por isso, frequentemente tem sido objeto de estudo. Fernandes e Lima (2024), ao desenvolverem uma revisão sistemática acerca do Pibid, o investigam em torno de três categorias: implementação, docência e formação. Os apontamentos sobre a formação inicial destacam os estudos que evidenciam a contribuição do programa para esta etapa formativa bem como para o desenvolvimento profissional dos futuros professores. Ao sintetizarem os artigos desta categoria, as autoras afirmam:

[...] A partir da análise dos estudos, fica perceptível que o PIBID propicia melhorias na formação inicial docente, promovendo a satisfação pessoal e reflexões sobre a prática docente, contribuindo para o desenvolvimento profissional. Todos destacam a importância do programa para integrar teoria e prática, promover reflexões críticas sobre a prática docente e enriquecer as experiências pedagógicas dos participantes. Outrossim, demonstram que o programa permite a imersão no PIBID em várias experiências, bem como na realidade escolar, de forma a constituir e fortalecer a identidade docente [...] dos pibidianos (FERNANDES; LIMA, 2024, p. 12).

Conforme destacado no excerto acima, o Pibid tem contribuído para o desenvolvimento profissional docente bem como para o movimento de construção da própria





identidade docente. Ao promover a imersão no ambiente da escola básica, aproxima o licenciando de sua futura prática profissional, para que conheça não apenas a sala de aula, mas a política educacional, a cultura escolar e as demandas do trabalho docente, agora não mais sob a perspectiva de estudantes, mas de futuros professores. Esse processo já permite que os primeiros movimentos da identidade profissional docente sejam delineados.

De acordo com Cyrino (2021), a identidade profissional docente é caracterizada pelo movimento, sinalizando justamente a ideia de processo contínuo e dinâmico, marcado por complexidade. Para a pesquisadora, referência na investigação sobre o assunto, a identidade profissional docente é um fenômeno que envolve múltiplos aspectos, “de ordem pessoal, profissional, intelectual, moral e política dos grupos nos quais os sujeitos se relacionam” (Cyrino, 2021, p.04).

A constituição da identidade docente envolve o olhar que o outro tem sobre nós, mas também como nos vemos e refletimos sobre a nossa experiência. Cyrino (2021) esclarece que a descrição que fazemos de nós e do outro não é passível de neutralidade, uma vez que expressa orientações, gostos e valores a respeito de sua prática profissional. Assim, as questões em torno da construção da identidade docente não se circunscrevem à personalidade ou estilo de cada um, mas carregam emoções, que são constituintes do trabalho docente. Nesse sentido, a pesquisadora afirma:

As emoções são parte basilar da prática educativa, impulsionadas pelo compromisso do professor e pela empatia na forma de ação. A empatia vai além da capacidade de se identificar, de sentir a emoção do outro, de entendê-lo, envolve nossa ação como educadores, uma ação pelo outro e com o outro, que reverbera nossa solidariedade e compromisso político (CYRINO, 2021, p.04)

Ao considerarmos a emoção como parte fundamental da prática docente, acrescida ainda pelo compromisso político que a envolve, destacamos a capacidade de se identificar, de conseguir sentir a emoção do outro. Evidencia-se aqui a importância do outro na prática docente, visto ser uma prática coletiva. A relação com outro não se dá apenas na relação professor-aluno, mas na relação professor-professor, professor-gestor, professor-família. Podemos pensar, de modo geral, nas relações que se estabelecem no seio da comunidade escolar.

Nesse sentido, o Pibid se configura como um programa capaz de propiciar vivências perpassadas pelas emoções que envolvem a prática educativa bem como manifestar aprendizagens do campo da docência por meio da chamada “desprivatização da prática”.





De acordo com o mapeamento da obra de Cochran-Smith (2012) elaborado por Campelo e Cruz (2019, p. 173) podemos assim compreender o conceito de “*deprivatization of practice*”:

uma estratégia formativa que permite a investigação e a problematização sobre e a partir do trabalho docente, e que envolve um conjunto de pressupostos sobre a aprendizagem da docência, tais como: i) O professor é um construtor de conhecimento docente; ii) A docência é um trabalho coletivo; iii) Os saberes docentes são mais bem adquiridos/desenvolvidos quando os professores têm oportunidade de discutir o que fazem (porque, como) com outros que também o fazem.

Esta estratégia formativa que prioriza a investigação sobre e a partir do trabalho docente, problematizando-o por quem o faz com outros que também o fazem, é detectada nas atividades do Pibid, com adição às práticas desenvolvidas no NID em questão, que, a partir dos registros de campo no PibiDiário promove a apreciação coletiva dos episódios experienciados e relatados em espaço coletivo pelos futuros professores. Esse momento é perpassado por intencionalidade e visa a discussão dos motivos, ações e reflexões que constituem o trabalho docente.

PERCURSO METODOLÓGICO: O PIDIÁRIO COMO INSTRUMENTO FORMATIVO

Este trabalho tem como objetivo conhecer o processo formativo de futuros professores revelados por meio do registro dos licenciandos no PibiDiários. Conforme mencionado, o PibiDiário é um instrumento elaborado pela coordenação do NID Matemática do IFSP Campus Araraquara. Este é um grupo formado por 16 bolsistas de iniciação à docência, 2 professoras supervisoras e 3 coordenadores de áreas – envolvendo docentes colaboradores. Os demais 8 licenciandos que completam o NID de 24 BIDs são de outro campus do IFSP. Esta composição conjunta deve-se ao limite de 65 NIDs por IES, estabelecido pelas normas da Capes no Edital 10/2024. Sendo o IFSP a maior unidade da Rede Federal, o número de cursos de licenciatura participante foi maior do que o número de NIDs permitido, resultando na necessidade de divisão de bolsas entre os campi.

O NID em questão conta com duas escolas parceiras, ambas da rede estadual. Uma delas oferta o ensino fundamental II e compõe o Programa de Ensino Integral, sendo conhecida como escola PEI. A segunda escola parceira compõe a rede do Centro Paula Souza, ofertando o ensino médio na modalidade profissionalizante.





A organização do trabalho no NID foi delineada a partir do trabalho conjunto entre coordenadores de área e supervisoras. Desde a implementação do Pibid (Edital Capes 10/2024), que teve início no IFSP em novembro de 2024, foram desenvolvidas ações conjuntas entre IES e EB. A dinâmica foi estabelecida nos primeiros meses do programa – dedicação de 10h semanais, com encontros de orientação quinzenais, no qual se reúnem todos os membros do programa lotados no NID Araraquara.

A fim de construir uma rotina de registro escrito acerca das atividades realizadas no âmbito do Pibid, a coordenação de área elaborou e orientou o uso de um instrumento para que os licenciandos pudessem registrar os estudos e práticas desenvolvidas ao longo da permanência no programa – o PibiDiário. Este documento consiste num arquivo disponibilizado aos participantes com espaços destinados a dois principais momentos formativos. Os registros do tipo 1 referem-se ao conteúdo dos Encontros de Orientação e Atividades de Estudo e os registros do tipo 2 são destinados às Atividades na Escola Parceira. Vale destacar que esses tipos de registros foram identificados junto aos BIDs apenas para fins didáticos e de organização das notas de campo, pois no momento da socialização dos episódios de destaque nos Encontros de Orientação é possível notar a relação dialética entre os relatos do tipo 1 do tipo 2, que se encontram, fundamentando um ao outro.

O PibiDiário apresenta orientações para que sejam feitos registros não apenas descritivos, mas também interpretativos. Especialmente nos registros do tipo 2, que trazem as experiências vivenciadas no espaço da escola básica, os futuros professores são convidados a um exercício de escrita formativa, para que, ao organizarem o pensamento e formalizarem o experienciado no texto escrito, estabeleçam relação entre teoria e prática. Isso significa que há orientação no PibiDiário para que o relato descritivo seja acompanhado de interpretação com aporte teórico. É desejável que este repertório mobilize conteúdos estudados ao longo das disciplinas cursadas na licenciatura bem como as indicações de leitura e discussões feitas nos Encontros de Orientação.

Dentre os variados pontos de pauta dos Encontros de Orientação, que contam com informes gerais; planejamento de ações coletivas; apresentação e discussão de planos de aulas, projetos extraclasse e apreciação de regências, há também o momento de leitura do PibiDiário.

A fim de estimular o registro frequente e sistemático neste instrumento, estabelecemos uma dinâmica de sorteio entre os licenciandos, almejando que assim todos estejam preparados com seus PibiDiários atualizados. A cada quinzena um bolsista é sorteado para compartilhar a leitura de um episódio de destaque com o grupo. Neste momento há a projeção de um trecho





do seu registro, no qual o grupo pode acompanhar o relato descritivo e a análise dialogada com o referencial teórico. Esta estratégia tem se revelado interessante à medida que propicia um espaço para discussões profícuas, envolvendo professores e futuros professores com diferentes níveis e modalidades de experiência. O relato, embora seja de experiência individual, ao ser compartilhado no grupo, mobiliza os demais membros a refletirem sobre o assunto pautado, levando a diversas partilhas de situações semelhantes experienciadas. Nesse sentido, acreditamos que o PibiDiário se configura como um recurso formativo que contribui para a “desprivatização da prática”.

Para este trabalho, traremos à discussão dois registros formativos compartilhados nos Encontros de Orientação ocorridos ao longo dos primeiros seis meses de desenvolvimento das atividades do programa. Eles ilustram a dinâmica de compartilhamento de experiências vivenciadas no âmbito do NID IFSP Araraquara. Nosso intuito é verificar se, ao compartilhar os escritos do PibiDiário no espaço coletivo de professores com diferentes níveis de experiência, podemos identificar a estratégia de “desprivatização da prática” por meio dos pressupostos que a compõem, tais como: o professor é um construtor de conhecimento docente; a docência é um trabalho coletivo; e, os saberes docentes são mais bem adquiridos/desenvolvidos quando os professores têm oportunidade de discutir o que fazem com outros que também o fazem (Campelo e Cruz, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos compartilhados a seguir são extratos dos PibiDiários de licenciandos do NID IFSP Araraquara. Apesar de ser formado por acadêmicos oriundos de diversos períodos da licenciatura, para fins deste trabalho, escolhemos relatos compartilhados por futuros professores do então terceiro semestre do curso. O critério de escolha deveu-se ao fato de ambos os relatos abordarem temas que geraram problematizações no âmbito coletivo a ponto de se tornarem foco para estudo e pesquisa em grupo, resultando em escrita coletiva de texto acadêmico, inclusive submetidos a esta conferência. Para esta análise, portanto, traremos episódios de destaque dos registros de PibiDiários compartilhados por Antônio e Danilo⁴.

O episódio compartilhado por Antônio denota preocupação com o uso de telas em sala de aula e suas implicações para o desenvolvimento dos estudantes da educação básica. De acordo com o registro descritivo e interpretativo referente a uma aula acompanhada por Antônio, cujo conteúdo era potenciação, o futuro professor, em Encontro de Orientação, destaca a falta de concentração dos estudantes geradas pela dependência de telas:

⁴ Nomes fictícios, a fim de proteger a identidade dos futuros professores.





Registro interpretativo	Registro fundamentado teoricamente
<p>Foi observado em sala de aula alunos bastante dispersos, agitados e falantes, por diversas vezes a professora supervisora necessitava intervir para lembrar os alunos sobre a proibição dos celulares, isso causava bastante conflito e quebrava o ritmo da aula. Apesar disso tudo, no final o objetivo da aula foi alcançado, a resolução dos exercícios.</p> <p>Observa-se a dificuldade que os professores têm em sala de aula para conseguir com que os alunos tenham foco na aula, é muita dispersão e certa apatia, assim a aula fica pouco produtiva e muito cansativa, uma sensação de impotência perante a realidade imposta.</p>	<p>De acordo com Cara (2024, p.12), a utilização das telas traz um prejuízo enorme ao aprendizado dos estudantes por vários fatores. O principal deles é que as telas não são nem tão problemáticas quanto o exercício de digitação. O ser humano tem três estratégias de memorização que foram desenvolvidas ao longo da história, uma delas é bem recente, que é a escrita. A escrita, quando ela é desenvolvida, é a que gera a maior capacidade de memorização. A audição é muito inferior à leitura. Primeiro a escrita, depois vem a leitura, depois vem a audição, em termos de capacidade de memorização”, disserta. “As telas e a digitação coíbem todas elas. A escrita, para ter de fato uma memorização forte, tem que ser feita à mão. É assim que se desenvolve a maior capacidade de memorização. Então esse é um ponto. A utilização das tecnologias reduz a capacidade cognitiva das gerações. E pela primeira vez nós estamos verificando uma queda de capacidade cognitiva da atual geração.”</p>

Fonte: PibiDiário de Antônio (março de 2025).

A partir do relato de Antônio, o NID foi convidado a discutir o assunto. Vários outros BIDs se expressaram, afirmando terem vivenciado situações semelhantes, em que a lei federal que decide pela proibição do uso de dispositivos móveis em sala de aula, promulgada em janeiro de 2025, acabou trazendo conflitos entre professores e alunos, devido às tratativas necessárias para a adaptação da unidade escolar à nova legislação. No contexto de Antônio, que está na escola parceira de ensino médio profissionalizante, houve o agravante de os estudantes serem adolescentes e jovens adultos, que costumam apresentar maior facilidade para argumentar e burlar regras.

Ao longo da apreciação coletiva do relato, os participantes demonstraram interesse no assunto, sinalizando para a importância da formação continuada dos professores, uma vez que o uso intencional e planejado de dispositivos móveis pode se transformar em ferramenta pedagógica valiosa para a inserção de tecnologias no ensino. Os docentes mais experientes, tanto supervisores como coordenadores, problematizaram o uso do celular em sala de aula, demonstrando ser um assunto que requer estudo e regulamentação, para que seu emprego seja melhor aproveitado.

Este episódio nos permite inferir que há no NID a presença dos elementos descritos por Campelo e Cruz (2019, p.174) ao caracterizarem a “desprivatização da prática”. Para as pesquisadoras, esta estratégia requer, além dos pressupostos já abordados aqui, outros cinco descritores: **motivação, objetivo, condições para que ocorra, participantes e ações que a caracterizam**. Destacamos, nesse momento de partilha de relatos e apreciação coletiva, a presença da **motivação**, entendida enquanto “crença compartilhada de que a aprendizagem da





docência está relacionada a processos coletivos de investigação e a problematização sobre e a partir do trabalho docente”. Este ponto é contemplado no trabalho, uma vez que está previsto no planejamento quinzenal de todos os Encontros de Orientação. Ele indica que a prática de elaboração e compartilhamento de relatos a partir da escrita no PibiDiário é valorizada enquanto motor para o processo coletivo de investigação e problematização do trabalho docente. Lembramos aqui que tal problematização motivou inclusive a pesquisa acerca do dispositivo legal que instaura a proibição do uso do celular em sala de aula e seus impactos no cotidiano escolar por parte de um grupo de pibidianos, que produziu um texto acadêmico também submetido a esta conferência.

Ainda de acordo com os descritores explicitados por Campelo e Cruz (2019, p.174), destacamos que o **objetivo**, que se refere à “busca intencional de promover aprendizagem docente e desenvolvimento profissional”, é identificado no desenvolvimento das atividades, tanto na IES quanto na EB. Quanto ao descritor **condições para que ocorra**, as pesquisadoras afirmam a necessidade de uma organização especial, no sentido de não espontaneidade ou acaso, o que também é possível ser verificado na realidade aqui em análise. Ao abordarem o descritor **participantes**, elas apontam o necessário “envolvimento de professores de diferentes níveis e modalidades engajados e comprometidos com o processo”. Tal elemento é identificado constantemente no NID analisado, pois é formado por licenciandos de diversos períodos do curso, bem como por professores com diferentes níveis de experiência e modalidades, inclusive com a presença de professores oriundos da modalidade técnica e tecnológica. Finalmente, o último quesito aponta para **as ações que a caracterizam**, elencadas em dois momentos - “registro/relato oral e escrito das práticas desenvolvidas (intencional e planejado)” e “apreciação crítica coletiva (problematizar, questionar, interrogar, comparar) dos registros/relatos das práticas desenvolvidas”. Este descritor é o que melhor caracteriza o indício de que a prática de escrita do PibiDiário, seguida da apreciação coletiva nos Encontros de Orientação, configura-se como recurso pedagógico de “desprivatização da prática”.

Retomando este último descritor, compartilhamos a seguir o relato de Danilo, que problematizou um tema bastante recorrente entre as experiências do grupo, gerando inclusive, assim como ocorrido com o tema de Antônio, um trabalho de pesquisa e elaboração de texto acadêmico escrito coletivamente e submetido a esta conferência.

Registro interpretativo	Registro fundamentado teoricamente
Fomos realocados para o ambiente do “Acessa”, uma sala com mesas circulares para que fizessem os exercícios do livro em grupo, foi solicitado pela	Essa ignorância sobre o assunto me fez questionar se apenas eu me sentia tão ignorante em relação a essas crianças com algum tipo de deficiência, seja física ou





professora Maitê para que priorizasse os dois meninos que estavam juntos na primeira mesa, ambos são diagnosticados com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

De início, havia um certo receio. Ao fazer a abordagem os dois foram muito acolhedores comigo, porém havia um problema, tinham personalidades e níveis de conhecimento matemáticos completamente distintos, mesmo ambos mostrando capacidade para resolver os problemas. A situação me chamou a atenção, pois havia a necessidade de duas abordagens completamente diferentes.

Uma em tese, seria algo mais passo-a-passo trazendo o início do conceito e explicando de forma simples para que inicialmente entendesse o que era um divisão. O outro era algo mais direto, ele já conseguia resolver os exercícios de fatoração quase sozinho.

Observação: percebi o quão limitado eu sou em relação a essas interações, e o quão ignorante estava sem nunca ter lido nada referente a esses alunos, e notei que precisava estudar formas diferentes de trazer aquele conteúdo para os alunos, realmente ser um facilitador do conhecimento e não apenas só repassá-lo.

intelectual. E me fez pensar que normalmente esses alunos são prejudicados por uma falta de preparo do corpo docente e falta de inclusão entre os próprios alunos. Uma pesquisa sobre o tema, realizada em 2020, afirma que “as principais dificuldades apresentadas foram: a falta de conhecimento sobre o autismo na formação inicial docente; a própria dificuldade de comunicação do aluno com TEA para com o professor e com os demais alunos; a falta de profissionais especialistas para atender à demanda de alunos autistas que necessitam de uma atenção maior para o desenvolvimento de atividades em sala; e a incapacidade assistir a aluno autista da forma que ele necessita.” (MORAES; ARRUA; SILVA, 2020, p. 119). O assunto, embora creio eu, já abordado em algum momento da nossa vida, precisa de mais atenção. Estudos teóricos, pesquisas sobre métodos positivos e casos isolados devem ser feitos. Pois nós, como futuro corpo docente, iremos lidar com alunos com algum tipo de deficiência e devemos nos sentir preparados para lidar com os casos. Entendo que, se isso tivesse ficado mais claro pra mim antes de me deparar com a situação, teria feito um estudo mais aprofundado sobre os alunos com TEA, poderia ter me preparado de forma mais eficiente auxiliá-los.

Fonte: PidiDiário de Danilo (fevereiro de 2025).

O excerto acima foi extraído dos relatos de Danilo e denotou um de seus primeiros contatos com a turma de sétimo ano da escola PEI. O tema da aula era fatoração. Cumpre esclarecer que o impacto relatado acima também se deve a um dos seus primeiros contatos com uma escola sob a perspectiva profissional docente e não mais de estudante, uma vez que Danilo encontrava-se apenas no terceiro semestre da licenciatura no momento deste episódio. No entanto, não podemos deixar de apontar a necessária atenção que o tema da inclusão e a formação docente merecem. O curso de licenciatura no qual Daniel é aluno possui disciplinas que contemplam o tema, porém, localizadas apenas na segunda metade do curso.

Esta problematização obteve tamanha relevância no Encontro de Orientação que desencadeou, por parte dos docentes coordenadores de área, a demanda de antecipação de disciplinas que abordem a educação especial numa perspectiva de educação inclusiva. Esta demanda enunciada na prática pedagógica do Pibid foi levada ao Núcleo Docente Estruturante do curso, que se encontra em trabalho de revisão do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática devido à Resolução 4/2024, que instaurou novas diretrizes curriculares para a formação docente no Brasil. Inclusive, o documento em questão aponta para a participação dos licenciandos em atividades no ambiente escolar desde o ingresso no curso, o que, inevitavelmente, causará impactos semelhantes aos vivenciados por Daniel em um número muito maior de futuros professores do que os selecionados pelo Pibid, que, até o momento, não atende a todos os licenciandos interessados em participar do programa.





O desdobramento do relato de Daniel demonstra indícios de “desprivatização da prática” à medida que se revela em um processo de desenvolvimento de conhecimentos acerca do fazer docente acompanhado de problematização num espaço público de colaboração do qual participam outros docentes, também comprometidos com sua formação e dispostos ao diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o PibiDiário, apesar de ser um documento de registro individual do licenciando, figura como elemento central para suscitar momentos de aprendizado coletivo da docência. Tal ferramenta, utilizada como mediadora nesse processo, contribui para a sistematização das práticas vivenciadas no futuro ambiente profissional. No movimento coletivo de compartilhar e discutir experiências entre professores com diferentes níveis de experiência o fazer docente se torna público e passível de críticas. Este é um movimento corajoso que propicia ainda tratar de emoções que envolvem a constituição da identidade docente, que se faz e refaz ao longo da vida dos professores (Cyrino, 2021).

É certo que este trabalho trata apenas de um pequeno e breve recorte do potencial que o Pibid e a escrita formativa, mediada por referencial teórico e submetida ao escrutínio coletivo, podem fomentar na formação docente. Concluimos que o Pibid demonstra ser um espaço potente para a “desprivatização da prática”, reafirmando assim nossa concordância com Campelo e Cruz (2019, p. 172), ao destacarem que esta é “uma ferramenta virtuosa porque se vale de mutualidade e reciprocidade, já que os professores, seja em formação inicial ou continuada, se desenvolvem profissionalmente enquanto contribuem no desenvolvimento de seus pares”. Estudos futuros podem ampliar e sistematizar os escritos do PibiDiário num recorte maior de tempo, revelando nova qualidade para a formação de professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Diário Oficial da União, n. 239, seção 1, p.39, 2007.

BRASIL. CAPES. Edital n. 10/2024. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Brasília, 2024.

CAMPELO, T. S; CRUZ, G. B. (2019). “*Deprivatization of practice*” como estratégia de formação inicial docente no PIBID Pedagogia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.14; n.1; jan./mar., 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/issue/view/705>. Acesso em 14 Set. 2025.

CYRINO, M. C. C. T. Ações de Formação de Professores de Matemática e o Movimento de Construção de sua Identidade Profissional. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 14, n. 35, p. 1-26, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/13408>. Acesso em: 13 Ago. 2025





COCHRAN-SMITH, M. A tale of two teachers: Learning of teach over time. In: **Kappa Delta pi Record**, july-sept, 2012. Disponível em: <https://www.learninglandscapes.ca/index.php/learnland/article/view/A-Tale-of-Two-Teachers-Learning-to-Teach-Over-Time/699>. Acesso em 16 Out. 2025.

FERNANDES, B. V. M.; LIMA, C. da C. de. PIBID na formação de professores: uma revisão sistemática. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 16, n. 35, p. e816, 2024. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/e816>. Acesso em 21 Out. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

RODRIGUES, A. L.; CYRINO, M.C.C.T. Movimento de constituição da identidade profissional de futuros professores de Matemática no âmbito do Pibid e do Estágio Curricular Supervisionado. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 26, p. 237-258, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/59364>. Acesso em 11 Ago. 2025.

